

INTRODUÇÃO À TOPOGRAFIA DE ATENAS

Larissa Barbosa Nicolosi Soares¹

Resumo

Esse artigo procura levantar questões sobre a influência das prospecções arqueológicas acerca da topografia de Atenas na organização política e social de Atenas, evidenciando assim como a sociedade grega se organiza no espaço que comporta tanto a ásty, o núcleo urbano da cidade, como a khóra, o espaço rural da cidade, e como esses elementos de configuração do espaço estão imbricados nos acontecimentos políticos atenienses.

Palavras-Chave

Topografia; Atenas; Cidade; Democracia

Abstract

The current study analyzes the influence of archaeological prospections on the topography of Athens, namely its political and social organization, presenting how the Greek society has organized itself between the space that holds both the Asty, the urban core of the city, such as the Khóra, and the rural areas of the city, and how these space configuration elements are imbricated in the Athenian political history.

Key- Words

Topography; Athens; City; Democracy

1. Introdução

Trata-se de elencar alguns pontos como o espaço rural ateniense, a importância da reforma de Clístenes nas estruturas políticas decisórias da *pólis* e a relação dessas estruturas materiais em relação à organização da sociedade grega no espaço. Cumpre perguntar de que forma a materialidade nos ajuda a compreender a organização da sociedade e a estrutura política de Atenas?

A arqueologia tem como finalidade transformar a materialidade em documento, aquilo que comprova a existência de algo. Isso implica em trazer aos leigos, ou mesmos aos estudiosos dos textos antigos, confirmações e refutações de argumentos que levam a construir a realidade do que foi a sociedade grega antiga. Não se trata de estudar o espaço pelo espaço, mas sim a sociedade tal como ela se inscreve no terreno. De todas

¹ Mestranda em Direito pela FDRP - USP

as *poleis* gregas, Atenas hoje é a *pólis* escolhida pelo ocidente europeu como símbolo de valores e modos de vida a serem preservados, seja porque foi o local do nascimento da própria filosofia, um olhar que busca no humano as explicações que dão causa para as coisas que acontecem a sua volta, seja porque temos registros de pensadores e poetas que escolheram olhar para dentro de si e falar sobre si mesmos, seja ainda por conta do lugar privilegiado que o instituto ateniense da *democracia* ocupa na modernidade.

Não são apenas esses fatores, mas outros que fazem do estudo da topografia de Atenas um estudo relevante não apenas a arqueólogos, mas a todos que querem compreender como aquela sociedade se organizava. Dito isso, toma-se parte na construção então do que foi a sociedade ateniense, que teve em Platão e Aristóteles, por exemplo, grandes contributos de seu pensamento. Mas o que os filósofos e filólogos deixam escapar ou a complementar, as análises de prospecções arqueológicas corajosamente se propõem a resolver e preencher, levantando problemas e percepções críticas à compreensão da organização e estrutura política de Atenas dada única e exclusivamente pelo texto antigo.

O centro do debate aqui travado está na organização do espaço ateniense, da *ásty*, centro de decisões da *pólis* grega e da organização da *khóra*, espaço rural disperso no terreno extra-central (hinterlândia). As análises arqueológicas aqui trazidas tem em comum mostrar como os textos antigos, embora relevantes como documentos que comprovam a existência de determinadas estruturas, até mesmo explicando-as e nos auxiliando na compreensão de sua função, podem, por outro lado, dar uma visão errônea acerca do espaço grego quando, em seu conjunto, comunicam uma visão homogênea, tendente à padronização na representação de Atenas, nem sempre coadunando com a realidade ateniense.

Tem em comum também mostrar que além de ser um território heterogêneo, a topografia de Atenas, quando bem analisada, contribui para compreender como as decisões políticas dentro de Atenas se revelam e se configuram no território. Ainda, ajudam a desmistificar a visão de que Atenas é o lugar unidimensional da razão e do “clássico”, mostrando a importância da religião como parte constitutiva da política, e a mistura, pluralidade e influência do que vinha de fora (ex. persas) como constitutiva também de sua materialidade, demonstrando uma maior influência da religião na política que a separação artificial provocada pelos textos deixou escapar.

2. Desenvolvimento

2.1. *Ásty*, *Khóra* e Democracia

A respeito dos vestígios arqueológicos do espaço rural ateniense, é possível perceber a partir de Chevitarese² que sua maior contribuição foi demonstrar como o modelo de assentamento rural grego é heterogêneo e que esse modelo é complementar ao instituto da democracia, diferentemente do que os textos de Aristóteles sugeriam. A ocupação e a formação da *khóra*, por conta da ideologia democrática do período clássico que se verifica na análise que Aristóteles faz na *Política*, segundo o autor, teriam contribuído para que houvesse generalizações.

A primeira generalização seria a prevalência do uso de mão de obra escrava nas propriedades fundiárias. A segunda seria que as melhores terras ocupadas e exploradas pelo corpo de cidadãos de forma igual não dependia da posição política. Isso implicava em dizer que um modelo homogêneo de assentamento rural permitiria o desenvolvimento da democracia, e um modelo heterogêneo, em contraposto, implicaria na inibição da democracia. Aristóteles teria sugerido então uma prevalência do modelo homogêneo.

Pela exposição de Léveque & Vidal-Naquet³, é possível desmistificar essas generalizações. É possível perceber, por exemplo, que o modelo heterogêneo não se conflituava necessariamente com a democracia. Como? Tendo em vista sua análise do espaço após as reformas de Clístenes que sedimentam mudanças para uma instituição democrática. Os arqueólogos se dividem entre os que concordam com o fato dos agricultores viverem em fazendas isoladas, nas quais moravam e realizavam o seu trabalho, e entre aqueles que acham que os agricultores viviam em assentamentos nucleados, onde moravam e tinham que se deslocar para realização de sua tarefa.

O problema que gera tal divisão entre os arqueólogos consiste nos “brancos cartográficos”, ou seja, na ausência propriamente de escavações esquemáticas (*dêmoi* relativos a Halai e Aixionides, criados a partir das reformas de Clístenes são outros exemplos, além de Atenas, usados por Chevitarese). Esse problema, a ausência de um

² CHEVITARESE, A. *O espaço rural da Polis Grega*. O caso Ateniense no Período Clássico. Fábrica de Livros, Rio de Janeiro, 2001. Sobre tudo o capítulo “A conjuntura fundiária Ática no período clássico”.

³ LÉVEQUE, P.; VIDAL-NAQUET, P. *Clisthène L'athénien: essai sur La representation de l'espace ET Du temps dans La pensee politique grecque*. Paris, Les belles Letres, 1973.

sucesso sistematizado nas escavações, já fora evidenciado para apontar outras críticas conforme Greco ⁴ ao recapitular a historiografia arqueológica na topografia ateniense.

Evidenciar que o modelo de assentamento rural em Atenas é disperso, implicou para Chevitarese⁵ em defender que não há propriamente centros urbanos em Atenas, e que o espaço rural era constituído por fazendas extensas disseminadas pelo território extra-central, assim como assentamentos nucleados.

Atenas seria então constituída de propriedades privadas e propriedades públicas, essas últimas estariam sob o controle da *polis*, dos *dêmoi*, das corporações de cidadãos e dos templos. Configurariam-se por serem propriedades a serviço dos cidadãos. Surgiram como forma de complementação do sustento do *oikos*. A partir da análise de estelas e inscrições, é possível desvendar que as organizações públicas e os templos detinham propriedades. Essas propriedades tinham finalidade agrária (*rationes centesimarum*) mas não só.

Algumas inscrições desvendadas por Lewis determinam que as propriedades fundiárias eram compostas por *coríon* e *escatía*. É possível ainda perceber também que as propriedades de domínio dos templos não só beneficiavam os cidadãos, mas alguns metecos. Mas a maioria dos *dêmoi* eram compostos por membros de cidadãos de famílias ricas e tradicionais (10% das terras agrícolas áticas) que exerciam importantes funções advindas de cargos públicos. No período clássico, o acesso dos cidadãos na *khóra* estava garantido para aqueles que tinham alguma propriedade agrícola.

É verdade que na *Política*, quando Aristóteles trás definições (como a de “tribo” no livro I) acerca da organização da sociedade ateniense parece estar generalizando. Uma leitura de Aristóteles sem o conhecimento desses estudos arqueológicos poderia sugerir erroneamente que o modelo de assentamento grego é homogêneo, e então ser imediatamente refutado por Chevitarese⁶. Mas o que deve ser ressaltado é que, provavelmente, a descrição de Aristóteles se relaciona mais à organização da *ásty* do que à *khóra*. Isso porque a *ásty* é o centro de decisão política da *pólis*, se para o Estagirita a preocupação maior em sua análise é justamente com as decisões políticas que formam a estrutura da comunidade política faz sentido descrever aspectos da *ásty*, o que, por sua vez, não implica que essas decisões, sendo feitas na *ásty*, não tinham influência sobre a *khóra*.

⁴ GRECO, E. *Topografia di Atene*. Vol I SATTA 1, Pandemos, Atene-Paestum, 2010.

⁵ CHEVITARESE, A. op. Cit.

⁶ Ibid.

O que é possível perceber, a partir do livro V da *Política*, é que a topografia de Atenas influi na possibilidade de *stasis* dentro da *polis* e entre as *poleis*:

Por vezes, os motivos de revolta nas cidades residem na própria disposição topográfica, ou seja, quando o território não tem condições naturais para assegurar a coesão da cidade. Tal sucede, por exemplo, na Clazoménia, onde os habitantes de Cito não se relacionam com os da ilha, nem os de Colófon com os de Nócio. Mesmo em Atenas não há convergência de posições: os habitantes do Pireu são mais partidários da democracia do que os da Acrópole.⁷

A preocupação do peripatético é justamente analisar como a topografia permite e contribui ou não à *stasis*. Para o autor, portanto, a preocupação está em perceber que os aspectos de organização do espaço podem estimular revoltas internas, reformas no regime e guerras. Além disso, o povo do Pireu, para o Estagirita, é mais tendente à democracia do que o povo da Acrópole, localizado na *asty*, centro de Atenas, tendente a oligarquias e outras formas de regime. Outro aspecto em defesa de Aristóteles que Chevitarese também parece ignorar é que Aristóteles nas suas análises deixa claras as implicações da topografia de Atenas conter elementos que favorecem a democracia bem como a de outras *poleis*:

Em contrapartida, a tripulação marítima – a quem se deve a vitória de Salamina e, por isso, a hegemonia dos mares – procurou consolidar a democracia. Também em Argos os notáveis que conquistaram reputação na batalha de Mantinea, contra os Espartanos, tentaram derrubar a democracia. Em Siracusa, o povo, responsável pela vitória na guerra contra Atenas, transformou o regime constitucional em democracia. Na Calcídia, o povo aliou-se aos notáveis e derrubou o tirano Foxos. Ao tomar conta do governo da cidade de Ambrácia, o povo passou a dispor do regime em seu proveito, depois de banir Periandro com o apoio de opositores ao governo.⁸

Mas em nenhum o momento o autor enfatiza a democracia ou os aspectos - ditos hoje “clássicos” - porque não era defensor da democracia, mas sim da *politeia*, um regime que se define por misturar elementos oligárquicos com elementos democráticos. A democracia, para Aristóteles, ainda que melhor que outros regimes, era considerada um desvio do melhor regime, da *politeia*, trata-se apenas de evidenciar fatos empíricos quando está argumentando como supracitado. Chevitarese pode ter confundido determinadas descrições empíricas que Aristóteles faz com frequência com a real opinião de Aristóteles.

⁷ ARISTÓTELES. *Política*. em 1303b10-15. Tradução e Notas de Antonio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Veja: Lisboa. 1998

⁸ Ibid. 1304a25.

Assim uma conclusão é válida sobre esses estudos que criticaram a homogeneização do modelo de assentamento a partir de textos clássicos, a saber, que a *khóra* ateniense apresenta uma diversidade em sua ocupação, de forma que os proprietários agrícolas mais ricos (ainda que em domínio de propriedades espalhadas e não grandes latifúndios), minoritários, obtinham vantagens na produção e armazenamento do produto agrícola e ainda podiam com isso ter tempo livre para uma maior participação na política, essa diversidade implica na combinação de mais de um modelo de assentamento.

2.2. Reforma territorial e alteração da estrutura urbana

Passemos agora a falar das reformas de Clístenes e como elas colaboraram para a democracia em Atenas. Nesse sentido, Léveque & Vidal-Naquet⁹ também contribuem para que se perceba como a organização da *asty* está intimamente relacionada com a *khóra* e como as decisões políticas influenciam o espaço grego, na medida em que apresenta uma configuração nova do espaço a partir dessas reformas.

Antes das reformas, havia 100 *dêmoi* que formavam unidades básicas de divisão do povoamento. Isso implicava que os *dêmoi* correspondiam apenas às comunidades rurais. As facções regionalistas tinham influência desmedida das famílias eupátridas. A reforma passa a incluir também os domínios de Atenas, e os *dêmoi* foram então combinados em 30 “trítios”, sendo que 10 concentravam-se na *ásty*, 10 na *paralia* e 10 no interior, assim cada uma das novas tribos seria constituída de 3 “trítios” pertencentes a uma das 3 regiões. Veja como a hinterlândia assume um protagonismo conjuntamente com a *ásty*.

Após as reformas, os órgãos deliberativos da *pólis* passam a ter mais influência, o que resultou, segundo os autores, em progresso do centro de poder da *polis* da Acrópole para a Ágora, e depois para o Pritaneu. O conselho deliberativo, a chamada “Boulé”, passou a ter 500 membros, após as reformas, ao invés de 400 membros. A reunião da Eclésia também foi modificada e passou a acontecer no Teatro de Dioniso, localizado no monte Pnyx, o que implicou em um movimento de laicização da comunidade política. Clístenes reconfigurou a ordem social, influenciado por pressões populares, através inclusive de uma “nova estética” e garantiu assim uma maior

⁹ LÉVEQUE,P ;VIDAL-NAQUET,P. *op. Cit.*

igualdade e participação política dos cidadãos incluindo inclusive participação de alguns estrangeiros (não cidadãos), daí a importância para a construção da democracia em Atenas.

Chevitarese mostra que os *bouleutai* que participavam do Conselho dos Quinhentos se viessem de *dêmoi* muito distantes deveriam residir em Atenas, como forma de participar ativamente das reuniões convocadas pela *Boule*. Muitos cidadãos ricos, oriundos de diferentes aldeias rurais, onde se concentravam suas riquezas pessoais, quando vinham permanentemente pra *ásty*, poderiam também representar os interesses de seus *dêmoi*.

O demarco, escolhido entre os maiores de 30 anos e por sorteio, era aquele que estabelecia a ponte entre o “governo central” e as diferentes aldeias disseminadas e inclusive as mais afastadas da *polis*. Tinham um “status” relativamente humilde, segundo Osborne¹⁰. Uma das funções do demarco além de convocarem e presidirem a assembleia era garantir que os filhos dos pais cidadãos fossem apresentados depois dos 18 anos aos demotai, afim de se tornarem demótai, membros conhecidos do *dêmoi*, e subsequentemente *polítai*, membro conhecido da *polis*.

Os demarcos avaliariam a idade de tais indivíduos, bem como se tinham condição de pessoas livres. Uma das consequências disso era o registro do cidadão como *demotai* e *polítai*, caso fosse negado ao jovem o registro e ele recorresse de uma decisão e perdesse para o *demotai*, ele poderia ser preso e vendido como escravo. Caso ele passasse no exame do demarco, e fosse considerado adulto, e livre, os jovens faziam então o juramento e treinamento militar por dois anos¹¹.

Outra função importante do demarco era estabelecer as *apografai* (inventários das propriedades publicamente declaradas) daqueles cidadãos que tiveram seus bens confiscados pela *polis*. Ele que recolhia a eisforá, imposto extraordinário levantado nos tempos de guerra. Tinha função em relação ao recrutamento naval, encarregado de recolhimento de dinheiro e outras contribuições no interior da aldeia. Tinha envolvimento com o recolhimento dos primeiros-frutos dos agricultores do seu *dêmoi* para o santuário de Elêusis.¹²

Podiam ainda ter responsabilidades nas questões envolvendo o sepultamento dos habitantes do seu *dêmoi*, caso os parentes destes últimos se omitissem das suas

¹⁰ CHEVITARESE, A. op. Cit. p. 134. Chevitarese refere-se a versão ampliada de doutorado de R. Osborne em 1991.

¹¹ Ibid. p. 171

¹² Ibid. p.275

obrigações morais e legais. A questão que começa em âmbito privado pode, no entanto, passar para o âmbito público, atuando o demarco em nome do seu *dêmoi*. Os familiares se tornariam então devedores do próprio demarco caso ele tivesse que arcar com os custos do ritual do morto. Chevitarese conclui que o demarco funciona então como uma “*ponte que ajuda a manter coesos os espaços urbanos e rural*”¹³. Ele é o chefe da aldeia, um demótes, identificado pelos demais demótai, como alguém comprometido com as questões que envolvem seu *dêmoi*, e um polítes, identificado pelas diversas instituições políades, localizadas na *ásty*, responsável por implementar na aldeia muitas decisões estabelecidas fora dela.

Psístrato, tirano, detinha a colaboração de 30 juízes (os quais eram sorteados na base de 4 por tribo) que agiam para manter os agricultores dispersos e consequentemente impedir que eles se dirigissem até a *asty* para pressionar ou se ocupar das questões públicas, além do fato de que não queriam que os agricultores deixassem de trabalhar na terra (visto que já que pagavam 10% do que produziam).

É interessante notar a partir de Greco¹⁴ que o surgimento da democracia pode estar também envolvido com os muros e a articulação do espaço da nova Atenas, a abrupta cessão de sepulcros na zona murada indicam, para o autor, um momento de passagem de uma cidade feita em núcleos dispersos, para um organismo urbanístico e unificado em um “circuito murário”.

O alargamento do muro implicava em um conflito entre o novo cercamento e as tumbas que permaneciam no exterior do muro precedente. Isso, para autor, explicava a destruição das tumbas arcaicas em Atenas.

Embora Atenas seja o berço escolhido do ocidente como referência cultural de sua própria história, os elementos ditos “clássicos” ensejam padronização desmedida que pode prejudicar a boa visão da própria realidade ateniense.

Nesse sentido, podemos levantar, além dos aspectos já abordados, uma contribuição de Greco¹⁵ quanto às características e os elementos que foram atribuídos à cultura persa como constitutivas das estruturas atenienses. Essa suposta influência persa nos remendos de construção da acrópole teriam sido atribuídas aos persas por historiadores crentes em um “padrão de beleza” grego que ressaltava o aspecto de “pureza” dos elementos ditos “clássicos” gregos. Os historiadores teriam apostado que

¹³ Ibid. p.277

¹⁴ GRECO, E. op. Cit.

¹⁵ GRECO, E. ibid.

as incongruências não eram atributos gregos. Mas não está comprovado serem as incongruências características dos persas, não se sabe se são persas ou não, há indícios de serem as incongruências elementos gregos.

Outro aspecto interessante da urbanização de Atenas levantado pelo autor é a planificação do Pireu. Aristóteles na *Política* diz que essa planificação foi atribuída a Hipodamo de Mileto, assim como a divisão da cidade também teria sido um projeto arquitetônico de Hipodamo. Mas Greco defende que essa divisão não é muito clara e resta dúvida se se trata de uma divisão espacial, ou uma divisão de classes segundo a referência encontrada em tratado de “Milesio”. E isso é questão relevante uma vez que a preocupação de Aristóteles na *Política* parece ser mesmo com as classes sociais, principalmente com a questão econômica (ricos x pobres).

3. Conclusão

É interessante notar como a desigualdade social se estruturava de forma distinta e que todas as facilidades criadas pela urbanização da cidade, bem como as decisões políticas ficavam restrita às pessoas que trabalhavam na *ásty* ou nas proximidades, e que os habitantes da *khóra* tinham um modo de vida mais simples e uma menor participação nas decisões da *polis*. A própria estrutura das *poleis* coaduna com a não participação das mulheres nas instituições políticas, uma vez que as mulheres atenienses estavam restritas ao âmbito do *oikos*.

Percebe-se um alto envolvimento, pelas assembleias, do envolvimento político dos cidadãos atenienses nos assuntos da *pólis* e do seu respectivo *dêmos*. Como a presença física importava na garantia do voto político, a distância da *ásty* revelava um fator obstaculizante. A necessidade de acompanhar de perto as questões políticas implicava na necessidade de ter uma moradia na *ásty* o que favorecia os proprietários mais ricos e tradicionais de Atenas.

Finalmente, o trabalho arqueológico, privilegiando a materialidade, parece complementar a filosofia e a filologia, estas últimas privilegiando o documento textual, mas ambas disciplinas, e sobretudo o estudo interdisciplinar que pode provir delas, são relevantes para a compreensão do mundo grego. A contribuição da arqueologia é determinante no sentido de dar ao texto vivacidade, e sua análise contribui para diminuir em certo ponto a sistematização em modelos que muitas vezes os filósofos e filólogos buscam. Por outro lado, as escavações arqueológicas partem da materialidade, mas

buscam nos textos antigos o contributo para compreender a função e finalidade daquilo que encontram no território antigo.

Como estão inseridos num dado tempo histórico, os trabalhos de prospecção arqueológicas possuem, naquela materialidade, parte de sua própria cultura, da cultura do arqueólogo que observa, ou seja, de seu próprio olhar. Isso de fato explica a importância de uma prospecção sistematizada que confirme hipóteses e seja capaz de refutar generalizações provocadas por uma só fonte textual ou por más leituras. A conclusão do trabalho parece ser parecida com o final da introdução do texto de Greco, a saber, que o mundo ateniense é antes de tudo um mundo a ser perenemente construído por aquele que o observa.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Política*. Tradução e Notas de Antonio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Veja: Lisboa. 1998

CHEVITARESE, A. *O espaço rural da Polis Grega. O caso Ateniense no Período Clássico*. Fábrica de Livros, Rio de Janeiro, 2001

GRECO, E. *Topografia di Atene*. Vol I SATTA 1, Pandemos, Atene-Paestum, 2010.

LÉVEQUE, P ; VIDAL-NAQUET, P. *Clisthène L'athénien: essai sur La representation de l'espace ET Du temps dans La pensee politique grecque*. Paris: Les belles Letres, 1973.